

CORDEIRO IMOLADO

(UM ESTUDO DA VIOLÊNCIA NAS
CARTAS DA PRISÃO DE FREI BETTO)

Várias são as facetas da violência presentes nas *Cartas da prisão*¹. Em primeiro lugar, podemos falar da tortura sofrida pelos presos políticos, ainda que, na narrativa em questão, ela não esteja explícita por não integrar os objetivos do Autor ao escrever a obra. Frei Betto é um religioso que escreve para parentes e amigos, logo não quer angustiá-los ou deprimi-los com descrições de cenas de tortura.

Outro aspecto da violência, de maior interesse para este trabalho, é a violência das relações sociais em diversos sistemas, principalmente no Capitalismo. Esse aspecto, tão focalizado por Frei Betto, relaciona-se à violência da prisão. Observemos ser a violência das relações sociais, a violência da e na prisão, três modalidades intimamente ligadas que se associam a uma quarta, mais geral, a da violência das relações humanas, em sociedades e épocas diversas.

Focalizar todos esses aspectos seria uma tarefa maior do que a que agora pretendemos empreender, deter-nos-emos, portanto, na relação entre a violência da prisão e a violência das relações sociais.

A violência da prisão e a violência das relações sociais

Michel Foucault², ao organizar a história das prisões, mostra-nos que tal instituição já nasceu fadada ao fracasso e que nenhuma reforma sanará suas falhas básicas, porque isso interessa ao Sistema. A prisão é uma instituição onerosa para o Estado, que, ao destituir o indivíduo de sua liberdade, propõe-se a reeducá-lo para a vida em sociedade. Essa reeducação, porém, não ocorre; pelo contrário, o indivíduo desenvolve, naquele ambiente, um nível de delinquência que poderia não

atingir quando praticou o primeiro crime. Ocorre que a prisão forma a parcela de delinqüência que o sistema pode controlar. Vejamos:

"A penalidade seria então uma maneira de gerir as ilegalidades, de riscar limites de tolerância, de dar terreno a alguns, de fazer pressão sobre outros, de excluir uma parte, de tornar útil outra, de neutralizar estes, de tirar proveito daqueles. Em resumo, a penalidade não 'reprimiria' pura e simplesmente as ilegalidades, ela as 'diferenciaria', faria sua 'economia' geral"³.

Foucault afirma, então, que "a delinqüência, ilegalidade dominada, é um agente para a ilegalidade dos grupos dominantes". E que "a delinqüência, com os agentes ocultos que proporciona mas também com a quadriculagem geral que autoriza, constitui um meio de vigilância perpétua da população: um aparelho que permite controlar, através dos próprios delinqüentes, todo o campo social. A delinqüência funciona como observatório político"⁴.

Frei Betto conhece as falhas do sistema penitenciário, e, as aponta e as relaciona com a violência das relações sociais. Em sua carta-diário do dia 13 de maio, "dia da libertação dos escravos brasileiros", ele diz:

"Como todas as outras, esta Penitenciária é apenas um depósito de presos. À guisa de reeducação há trabalhos manuais, escolas, SENAI, onde o preso tem condições de alfabetizar-se e adquirir uma qualificação profissional. Mas a filosofia que dirige tudo isso é aquela que predomina em nossa sociedade: a exacerbação do egoísmo. Como ensinar um homem a viver em sociedade se ele cumpre a sua pena fechado numa cela individual, tendo poucos contatos com os demais? Que tipo de honestidade ensinam a esses homens, senão aquela que se baseia na concorrência, no lucro, na venda de sua força de trabalho ou na compra do trabalho alheio? Embora a prisão devesse educar para a liberdade, o que se vê aqui, a cada passo, são grades, fechaduras e regulamentos restritivos" (p. 44)

Assim é que o narrador nos mostra que o escravo brasileiro não foi libertado, ele está entre grades como "fera encerrada numa jaula". Mas ele evidencia ainda que as grades não existem apenas na prisão, quando, ao discorrer sobre as relações de produção, afirma que "o sistema em que vivemos é intrinsecamente mau", porque nele há a relação explorador/explorado. A classe dominante, sob a custódia do Estado, detém os meios de produção e mantém cativo o trabalhador que lhe vende sua força de trabalho a troco de um salário mínimo que não lhe

paga nem mesmo essa força. Observemos ainda que Frei Betto mostra que as leis existem "de acordo com os interesses da classe dominante" e que não existem leis para coibir os abusos da burguesia, para reduzir sua taxa de lucro, para controlar o aumento de seu capital. É aí que ele desvenda a crueldade do mecanismo social, a violência das relações sociais.

O Autor de *Cartas da prisão* mostra-nos que a violência da prisão é apenas uma parcela da violência do Sistema, quando coloca em relevo, por exemplo, a violência dos meios de comunicação de massa, não só através da propagação de cenas violentas em filmes de bang-bang, ou de super-heróis, mas, principalmente, pela sua capacidade de "nos impor uma ideologia (. . .) que nos faz acreditar que esse, é o melhor dos mundos e por isso devemos querer preservá-lo e ter paciência, pois as desigualdades sociais serão, com o tempo, devidamente solucionadas" (p. 29).

Assim é que Frei Betto evidencia também a incoerência do Sistema, que prende pessoas acusadas de defender a violência, enquanto coloca como herói Emerson Fittipaldi que "estimula a garotada a arriscar a vida toda hora ao som do ronco de um motor" (p. 34).

Também a educação de nossas crianças é questionada: o brinquedo que é mero recurso da indústria para fazer da criança um consumidor em potencial, os valores que lhe são atribuídos como verdadeiros — o dinheiro, o *status*, a competição, a discriminação, inclusive o preconceito racial.

O papel da empregada doméstica e o lugar da mulher na sociedade são outros elementos discutidos na obra para se evidenciar a exploração indevida do trabalho alheio.

Todas essas relações sociais são eivadas de violência. E é interessante observar ser o condicionamento burguês tão intenso que o Autor, embora racionalmente consciente, reproduz essas mesmas relações quando vê no preso comum um empregado que carrega água para os presos políticos, entre os quais se acha. Só mais tarde, num processo de reeducação progressiva, é que ele assume verdadeiramente suas próprias idéias e é capaz de se colocar no mesmo nível que o prisioneiro comum. Observemos:

"Foi preciso que os presos comuns que trabalham na faxina ficassem o dia todo arrastando latas cheias de água pra *suprir nossa necessidade*", (p. 39, o grifo é nosso).

Frei Betto condena toda e qualquer relação de opressão, de exploração, de abuso de Poder e consegue perceber que a prisão não resolve o problema da criminalidade. Na carta do dia 30-07-72, à família, ele se pergunta se o sistema penitenciário recupera o preso comum e cons-

tata que não só não o recupera como pode funcionar como um curso de pós-graduação. E conclui que isso ocorre "por culpa da ordem social da qual o sistema penitenciário é reflexo" (p. 87). E diz ainda:

"É quase inútil pôr remendo novo em pano velho. São as causas sociais do crime que precisam ser atacadas. De nada adianta construir cadeias. Deve-se edificar uma sociedade capaz de erradicar os focos geradores: de criminalidade, como a miséria, o analfabetismo, o trabalho mal remunerado, o desnível entre oferta e procura de mão-de-obra, etc." (p. 89).

O preso comum é, pois, produção da sociedade, que ela própria recusa, mas compara-se ao extremo oposto, a elite.

"Elite e subproletariado caracterizam-se pela ociosidade e marginalidade de seus membros, violência de seus métodos de sobrevivência, esterilidade intelectual, carência de padrões de consciência crítica e de perspectiva histórica". (p. 94)

Ao mostrar que os extremos se tocam, Frei Betto deixa-nos vislumbrar o que afirma Foucault: a marginalidade dos pequenos existe para assegurar a marginalidade dos grandes.

"A elite tem suas orgias, suas aventuras e seus crimes camuflados pela própria ideologia que ela impõe. O subproletariado age com menos requinte e inteligência e por uma necessidade de sobrevivência física, de um modo ou de outro somos todos responsáveis e cúmplices por coexistir uma sociedade que produz tais homens". (p. 96)

Mais adiante, na carta do dia 15-09-72, Frei Betto, ao falar do Sistema Educacional Brasileiro, mostra como a prisão é um reflexo desse "funil que tende a sufocar aquele que não atravessa o estreito bico da formação universitária ou da especialização profissional". Ele confirma que "a maioria dos presos é semi-analfabeta". Mas não se esquece de que isso não quer dizer que "quanto maior o grau de instrução menor o índice de criminalidade", mas que "entre gente mais instruída a prática do crime é mais requintada". O raciocínio é sempre o mesmo, o grande tem seus crimes sancionados, não "precisa forçar portas ou assaltar à mão armada, age com inteligência e esmero: sonega o fisco, adultera notas fiscais, cobra preços exorbitantes pelo produto que vende, rouba no salário de seus empregados, vence concorrência por suborno, corrompe funcionários administrativos, faz negociatas, promove o aborto, incentiva o lenocínio, explora o trabalho do menor etc. Este não vem para a cadeia. A violência que pratica não é declarada, é uma violência dissimu-

lada, aparentemente coberta pelo próprio costume social" (p. 113).

De uma forma ou de outra, Frei Betto mostra que a violência maior não é a praticada na prisão, mas a violência das relações sociais refletida na prisão. Até então deixamos a palavra com Frei Betto, não poderíamos falar melhor do que ele sobre a violência presente nas relações de opressão, no abuso de Poder, nas mãos dos poderosos que raciocinam por interesse, na força do dinheiro, no domínio das multinacionais. A violência está no etnocentrismo que leva o branco a trucidar índios e a escravizar negros, assim como na destruição da natureza, do equilíbrio ecológico. A prisão é, pois, mero reflexo do sistema que a produz. É assim que até a sua arquitetura repete, conforme acentua Foucault e Frei Betto demonstra, o modelo político-social em que vivemos. Trata-se do modelo do panóptico, tão bem explicado por Foucault⁵. O olho do Poder tudo vê e tudo controla. É a onipotência e a onisciência se conjugando para tornar o homem um "corpo dócil", manejável e submisso. Vejamos a descrição de, pelo menos, uma das penitenciárias "visitadas" por Frei Betto:

"O pavilhão celular é impressionante por dentro. Na entrada há uma enorme gaiola onde fica o guarda que *controla* o movimento geral" (p. 42 — o grifo é nosso).

Ou ainda:

"A porta é de madeira, com um guichê que só abre por fora, para servirem a comida e tem *uma espécie de olho mágico*, uma pequena abertura pouco maior que o gargalo de uma garrafa, por onde o carcereiro *controla* nossos movimentos" (p. 42, o grifo é nosso)

O controle exercido nas prisões através dos horários, das filas indianas, das proibições de banhos de sol etc, se acentua nas formas de controle psicológico que leva à loucura como no caso do Frei Tito.

O ser sacrificável na sociedade

A violência está, pois, disseminada em todas as relações sociais, por que, então, só alguns são detidos, só alguns desempenham, com a perda de sua liberdade, de sua razão e até de sua vida, o papel de vítimas?

René Girard⁶ demonstra que o sacrifício nas sociedades primitivas tem uma função social, qual seja a de descarregar sobre a vítima as tensões internas, os rancores, as rivalidades, as agressividades recíprocas presentes no seio da comunidade. O sacrifício contribui para a restauração da harmonia da comunidade, o reforço da unidade social. Assim é que a sociedade busca vítimas sacrificáveis, para fazer convergir para

elas a violência disseminada na coletividade. Girard mostra ainda que os seres sacrificáveis são, geralmente, os marginalizados: os prisioneiros de guerra, os escravos, as crianças, os adolescentes não iniciados ou o rei. Os primeiros escapam por baixo e o último por cima. Sacrificável é o ser que não tem ninguém para defender sua causa; sua morte não desencadeará uma corrente de vinganças.

É ainda Girard⁷ que aponta o sistema judiciário e o sistema penal como os elementos que afastam a ameaça de vingança nas sociedades modernas. O sacrifício religioso é substituído pelo sistema penal. A vingança pública não exige desforra, as decisões de autoridade judicial são a última palavra. O vingador não pode ser vingado. O sistema judiciário efetuará a racionalização da vingança, manipulando-a sem perigo, o que seria uma técnica eficiente de supressão do mal e da prevenção da violência.

O sistema judiciário, aliado a um forte poder político, teria uma grande eficácia, seria uma arma de opressão e de liberação. Assim Girard aproxima o princípio da Justiça ao princípio da Vingança.

Embora a posição político-social de René Girard se afaste daquela de Michel Foucault, podemos notar que ambos vêem no sistema penal uma forma de se manter o equilíbrio do Sistema, não porque corrija e readapte criminosos, mas porque desvia para eles todas as tensões sociais. Os presos seriam os bodes expiatórios da sociedade. É aí que se evidencia o processo da substituição sacrificial. Nos mitos primitivos, um animal era sacrificado em lugar de um homem; a tragédia grega mantém esse processo de substituição, veja-se, por exemplo, o sacrifício das crianças em *Medéia* de Eurípedes.

Apesar de tais associações não serem explicitadas por Girard, podemos transferir esses mecanismos para a sociedade atual e aproveitá-los para ler as cartas de Frei Betto. Aí o próprio Autor nos fala das vítimas sacrificáveis e se vê como uma delas.

“E a farsa é tão bem montada que os senhores da terra conseguem total domínio da platéia, fazê-la chorar ou aplaudir. Assim todos nós ficamos indignados com o Setembro Negro das Olimpíadas mas permanecemos indiferentes quando dezenove presos políticos são friamente assassinados em Trelew, na Argentina, ou quando um punhado de brancos escraviza milhões de negros na África do Sul” (p. 115)

Ou ainda, ao discutir a ambigüidade do conceito de violência:

“Tudo que estiver fora das normas dessa ‘cultura’ ele julgará como abuso, violência, imoralidade, desrespeito, subversão. Ele não achará nada estranho que a polícia prenda aqueles que não respeitaram

Assim são forjadas tais vítimas sacrificáveis. Verifiquemos como isso ocorre. A vítima sacrificável, segundo Girard, deve ser um elemento, ao mesmo tempo, estranho e familiar, daí elas serem escolhidas nas categorias marginais. Com o objetivo de tornar a vítima plenamente sacrificável, faz-se necessário estrangeirá-la, isto é, convertê-la em um estranho em sua própria comunidade; e, se ela é estrangeira, familiarizá-la. Assim se a sociedade se inteira de que um indivíduo é ladrão, assassino, corruptor de menores etc., ela, não só aceita, como exulta ao sabê-lo sacrificado.

O preso comum é, pois, um ser sacrificável em nossa sociedade. Ninguém se levanta para defendê-lo, ninguém abraça sua causa, ninguém busca vingá-lo. Veja-se, por exemplo, a atuação do esquadrão da morte, as misteriosas mortes nas prisões etc. E o preso político?

Ele não se situa no mesmo plano do preso comum. Antes de ser vítima do Sistema, ele é uma ameaça. É preciso, pois, desativar essa ameaça e, para isso, faz-se necessário engendrar o processo de estranhamento da vítima para torná-la sacrificável. Vejamos. Um intelectual ou um padre não pertencem às camadas marginais da nossa sociedade e, normalmente, sua morte, seu castigo suscitaria vinganças, outros poderiam abraçar sua causa. Assim eles são recriados para que a sociedade aceite o seu sacrifício. São destituídos de suas principais características físicas, têm suas cabeças raspadas, ou os cabelos cortados de maneira semelhante aos de todos os outros, são reificados, animalizados através das proibições, do isolamento, da ausência de sociabilidade, da perda da individualidade.

"Cada um de nós recebeu um número, que aqui dentro vale mais que o nome, o meu é D.P. 2405." (p. 42).

Suas idéias, seus valores são contestados. E sua imagem perante o público é a de assassinos, estropadores, verdadeiros monstros de que a sociedade deve se livrar para não ser sacrificada por eles. Examinemos a passagem em que Frei Betto nos fala de como os próprios presos comuns tinham essa imagem dos presos políticos.

"Para nós seis tem havido dificuldades na aproximação com eles. A maior delas é provocada pela imagem que a repressão policial e a imprensa procuram criar: a de que somos perigosos terroristas, assaltantes de bancos e assassinos de pais de família. A grande maioria aqui ficou surpresa ao ver os 'terroristas': não tinham o queixo quadrado e cicatriz no rosto, nem cara fechada e ódio cravejado nos olhos. Foi uma decepção. Mesmo assim, homens que na rua foram os mais ter-

ríveis bandidos sentiam-se pequenos diante de nós. Alguns aproximavam-se esperando que fôssemos contar como matamos os Kennedy ou deflagramos a guerra do Vietnã. Assustaram-se quando falei que jamais peguei uma arma, mesmo descarregada." (p. 92).

Em nossa sociedade, o padre é um elemento digno de respeito, não seria, pois, uma vítima sacrificável; mas um padre subversivo é duplamente sacrificável, porque se afasta das leis de Deus e dos homens. Isso se torna patente, por exemplo, na atitude daquela comunidade religiosa que impede seus membros, as freiras, de falarem com Frei Betto. (Carta a Irmã Provincial, p. 174).

O padre "criminoso" provoca uma ruptura no seio da Igreja e da Sociedade. O seu não-sacrifício implicaria em crise social.

A sublimação da violência

Falemos agora de uma outra vítima sacrificável, o Cristo. Antes faz-se necessário salientar que René Girard, que faz uma leitura sacrificial⁸ de todos os mitos, inclusive do *Velho testamento*, recusa-se a ler no *Novo testamento* da mesma forma. Para ele, o Pai de Cristo não quis que seu filho fosse sacrificado, porque ele é o Deus do amor e seu reino é o da não-violência. Mas Frei Betto, pelo que podemos ver, mantém⁹ essa leitura sacrificial do Evangelho: "O próprio pai sacrificou seu filho pela nossa redenção". (p. 57)

Além disso, mesmo que não se conceba o sacrifício de Cristo como vontade do Pai, ele foi sacrificado pelos homens por se constituir, supostamente, uma ameaça ao Poder. Na pessoa de Cristo, unem-se o elemento religioso e o social e é este o modelo que Frei Betto busca, ou melhor, ele se imbui do papel desempenhado por Cristo. É assim que se instaura a sublimação do sofrimento, a sacralização da violência. A greve de fome é, por exemplo, uma violência contra si mesmo e se constitui em arma política para reivindicação. No entanto ela assume um caráter de sacrifício e pode ser relacionada com os quarenta dias de jejum de Cristo. Através do jejum, o prisioneiro atinge um novo estado em que o espírito se superpõe ao corpo, e é aí que ele se aproxima mais de Cristo. Veja-se a carta citada por A. A. Lima no prefácio:

"A partir daí, senti que a relação corpo-espírito se invertia: agora era o espírito que envolvia o corpo. Experimental, então, uma lucidez, uma clarividência, como se todas as coisas estivessem luminosamente transparentes."¹⁰ (p. 13)

Frei Betto vê a prisão como o seu calvário que será seguido da ressurreição, e vê o sofrimento como o caminho para a "fé que liberta,

vivifica, redime e salva" (p. 69),

Ao assumir o lugar de Cristo, no mundo atual, Frei Betto evoca sempre a função social desempenhada por Ele — Aquele que veio para lutar pelos pobres e oprimidos — não para prometer-lhes um reino de amor e paz quimérico, mas um reino de Deus que já começasse na terra. Ele se identifica com João Batista quando mostra que este "pregou a igualdade entre os homens (Lc 3,11) e sua justiça confundiu a todos (Jo. 1,20), denunciou a corrupção do poderosos (Mc. 6,17) e preparou o caminho do Senhor (Lc. 7,24-30). Todos os que anunciam a vinda do Reino de Deus e de sua justiça devem estar preparados para viver e morrer como João" (p. 128).

A figura de Cristo é evocada em referência aos presos comuns:

"Se há um lugar onde a figura do crucificado se manifesta de forma tão humilhada e humilhante é dentro da existência de um prisioneiro comum" (p. 132)

Cristo veio para libertar os oprimidos; mas para lutar pelo oprimido, Ele veio como o mais oprimido dos homens.

"Eu jamais poderia crer num Deus que não tivesse, ele próprio, sido o mais oprimido dos homens. Nem poderia ter uma fé que não tivesse como centro a Páscoa" (p. 33).

A escrita como forma de resistência

O Evangelho é a palavra de Cristo deixada em defesa do pobre, do oprimido, logo o papel do sacerdote, o papel da Igreja é falar "pelos que não têm voz" (p. 190).

"Por que a Igreja não vê isso? É claro como o sol e, no entanto, tem gente que acha justo o salário do operário. Não é justo nem a própria existência de operários trabalhando para um patrão. É uma gritante injustiça que existam homens obrigados para sobreviver, a alugar por baixo preço sua força de trabalho." (p. 33). (O grifo é nosso)

Frei Betto assume esse papel e busca se identificar com Aquele que se levantou contra os poderosos por amor aos homens, principalmente, aos homens que não têm quem abrace sua causa, e, por amar, tornou-se o cordeiro imolado. Mas o sacrifício de Cristo ou de Frei Betto logrou objetivos diversos daqueles que almejavam os mandantes do castigo.

"Podem mutilá-lo a ponto de não lhe restar mais mãos para estender,

voz para consolar e animar, olhos para espelhar sua bondade e alegria — restará pelo menos um coração para amar e rezar. Podem matá-lo. Ficará o nome. E isto ninguém pode apagar. Ninguém.” (p. 212).

Assim é que Frei Betto também resiste, através da escrita, deixa seu nome e sua palavra, como ratificação da palavra de Cristo e, de forma concreta, 2000 anos depois, fala “pelos que não têm voz”, como o prisioneiro retratado no quadro feito pelo companheiro Moacir Pedroso, prisioneiro este que é a metáfora do próprio Frei Betto.

“Ele escreve. Ele sabe que seus braços, longos e finos, não podem torcer as barras de ferro, nem derrubar as paredes que querem reduzir sua liberdade quase às dimensões do próprio corpo. Mas nada pode tolher ou mutilar seu pensamento, apagar sua consciência ou extirpar sua alma. Nada pode impedi-lo de ser testemunha de um antro e de um tempo de atrocidades. Ele escreve às gerações futuras o fracasso de um presente que tenta inutilmente limitar a liberdade humana. Seus olhos grandes e vivos são cheios de esperança, seu olhar não conhece acaso.” (p. 232).

NOTAS

1. BETTO, Frei. *Cartas da prisão*. Rio, Civilização Brasileira, 1981. Todas as citações seguidas do número de página referem-se à presente edição.
2. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes, 1977.
3. Idem, ibidem, p. 240.
4. Idem, ibidem, p. 246-7.
5. Idem, ibidem, p. 173-199.
6. GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris, Bernard Grasset, 1972, p. 21.
7. Idem, ibidem, p. 21.
8. GIRARD, René. *Des choses cachées depuis la fondation du monde — recherches avec J. M. Dughourlian et Guy Lefor*. Paris, Graset, 1978.
9. Faz-se necessário ressaltar que, em conversa posterior à publicação da obra, Frei Betto disse ter mudado sua posição e afirmou que atualmente não aceita a leitura sacrificial do evangelho, concor-

dando assim com René Girard.

10. O texto citado pelo prefaciador foi retirado de uma carta particular de 29-X-76.